

**nº 63**  
**Maio/  
Junho  
de 2001**

# Aferir para reflectir?!

*Lurdes Serrazina*

## **EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA**

*Directora*

**Ana Paula Canavarro**

*Redacção*

**Adelina Precatado**

**Ana Vieira**

**António Fernandes**

**Fátima Guimarães**

**Fernanda Perez**

**Helena Amaral**

**Helena Fonseca**

**Helena Rocha**

**Henrique M. Guimarães**

**Lina Brunheira**

**Maria José Boia**

**Paula Espinha**

**Paulo Abrantes**

*Colaboradores permanentes*

**A. J. Franco de Oliveira**

*Matemática*

**Eduardo Veloso**

*“Tecnologias na Educação Matemática”*

**José Paulo Viana**

*“O problema deste número”*

**Lurdes Serrazina**

*A matemática nos primeiros anos*

**Maria José Costa**

*História e Ensino da Matemática*

**Rui Canário**

*Educação*

*Composição e paginação*

**João Loureiro e Manuel Abrantes**

*Entidade Proprietária*  
**Associação de Professores  
de Matemática**

*Tiragem*

**5200 exemplares**

*Periodicidade*

**Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,  
Set/Out, Nov/Dez**

*Montagem, fotolito e impressão*  
**Scarpa**

**Nº de Registo: 112807**

**Nº de Depósito Legal: XXXXXX**

A avaliação aferida foi criada pelo despacho normativo 98-A/92, tendo sido pela primeira vez posta em prática, a nível nacional, em 1999/2000. Neste despacho afirma-se que:

a avaliação aferida é utilizada no momento em que se pretende avaliar o sistema de ensino, a nível nacional, regional ou local, visando, em especial, os respectivos resultados curriculares e procedimentos adoptados, segundo padrões comuns, no domínio dos saberes e aptidões.

Pelo segundo ano consecutivo, os nossos alunos do 4º ano de escolaridade realizaram provas de aferição em Língua Portuguesa e Matemática no final do passado mês de Maio, a que se juntaram este ano os alunos do 6º ano. Está previsto que no próximo ano lectivo estas provas sejam também realizadas pelos alunos do 9º ano de escolaridade.

Para além da polémica causada pelo texto inserido na prova de Língua Portuguesa do 6º ano, discutido em outro espaço desta revista, que parece ser mais um sintoma revelador de uma certa atitude relativamente à Matemática que episódios como este não ajudam nada a alterar, não foram ouvidas muitas referências relativamente ao conteúdo das provas de Matemática aplicadas, ao contrário do que aconteceu no ano transacto.

Recordo que no ano anterior o tipo de questões da prova do 4º ano de Matemática suscitou alguma controvérsia, sobretudo entre os professores, por aquelas não corresponderem à “leitura” do programa oficial feita por muitos dos autores dos manuais adoptados nas nossas escolas. Algumas editoras apressaram-se então a fazer edições de cadernos que designaram como de “provas de aferição”!

Relativamente à realização das provas de aferição, colocam-se várias questões. Uma delas passa pela necessidade, ou não, de as provas serem realizadas em anos consecutivos por todos os alunos a frequentar esse ano de escolaridade, como aconteceu agora com os alunos do 4º ano. Sabemos que um dos objectivos é o de avaliar o sistema. Relativamente à prova de Matemática, os resultados do ano anterior confirmaram aquilo que avaliações internacionais já nos tinham revelado: os nossos alunos são razoáveis nos procedimentos, têm dificuldades na resolução de problemas e na geometria. A análise das respostas dos itens correspondentes à resolução de problemas veio evidenciar que os nossos alunos não estão habituados a tentar resolver problemas, utilizando estratégias exploratórias de tentativa e erro, parecendo ter uma ideia da Matemática como ciência do certo e do errado.

O que é que foi feito com estes dados, para além da devolução às escolas com algumas recomendações para a sua análise e reflexão?

Em algumas escolas, os resultados das provas anteriores devolvidos pelo DEB (Departamento de Educação Básica) foram analisados com detalhe, discutidos entre os docentes e, a partir daí, inventariados e pensados meios de ultrapassar as deficiências detectadas, nomeadamente através de oficinas de formação e círculos de estudo, envolvendo os professores da escola e recorrendo pontualmente a formadores externos.

Em muitas escolas os resultados foram recebidos e para além de constatarem alguma dificuldade na interpretação dos mesmos, nada mais foi feito.

(continua na página seguinte)

Outras houve em que, no Conselho Escolar, a Directora informou que os resultados eram maus e este ano tinham de ser melhores, responsabilizando por isso as professoras do 4º ano. Uma das estratégias para remediação baseou-se na ideia de que basta, nas semanas que antecedem a prova, resolver situações do mesmo tipo para que os resultados melhorem. Esta ideia é contrariada pelos resultados da investigação, que mostram que não é por se treinarem à exaustão os alunos que estes aprendem a resolver problemas ou adquirem hábitos de pensamento em Matemática.

Uma prova escrita do tipo das aplicadas, realizada individualmente, é necessariamente limitada e não pode abarcar os diferentes aspectos preconizados no despacho que criou a avaliação aferida. Apesar disso, pode fazer sentido aplicá-la, mas penso que só o fará se os seus resultados servirem para o próprio sistema — escolas e autoridades educativas — se questionar e procurar formas que conduzam a um melhor ensino da Matemática para os nossos alunos.

Parece-me pouco devolver os resultados às escolas para reflectirem. Por exemplo, para quando uma avaliação dos manuais escolares? Todos sabemos que muitos dos manuais de Matemática, nomeadamente do 1º ciclo, não reflectem as recomendações do programa em vigor.

E para quando o envolvimento nesta reflexão das instituições de formação de professores, quer as responsáveis pela formação inicial públicas e privadas), quer as que têm a seu cargo a formação contínua, nomeadamente os centros de formação das associações de escola?

Reflectir é, sem dúvida, muito importante. Mas não chega.

Lurdes Serrazina  
ESE de Lisboa